

A FAMÍLIA EM CONTEXTOS DE POBREZA NA GRÃ-BRETANHA¹: DIFICULDADES, DESAFIOS E FORMAS DE APOIO EXISTENTES NO CUIDADO DOS FILHOS²

Deborah Ghate e Neal Hazel ³

Resumo:

O objetivo deste artigo é examinar a relação entre pobreza e famílias, visando identificar quais são os principais desafios que os pais enfrentam para criar seus filhos em comunidades de baixa-renda na Grã-Bretanha. Os dados apresentados referem-se à primeira pesquisa realizada de abrangência nacional sobre cuidados parentais realizada no país. A proposta desta pesquisa era identificar os serviços existentes, e propor melhorias, a partir dos relatos dos pais.

Palavras-Chave: apoio à família, maternidade, paternidade, crianças, adolescentes.

¹ O território da Grã-Bretanha compreende a Inglaterra, o País de Gales e a Escócia.

² Palestra proferida por ocasião da Conferência Internacional "Convivência Familiar e Comunitária: um direito a ser priorizado para todas as crianças", organizada pelo Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI) e Chapin Hall Center for Children, Universidade de Chicago, EUA, no dia 5 de novembro de 2004 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

³ Deborah Ghate é diretora do centro de pesquisa Policy Research Bureau, entidade sem fins lucrativos, especializada em pesquisa na área de políticas públicas para crianças, adolescentes e suas famílias. Neal Hazel era pesquisadora do mesmo Centro na época em que o estudo foi realizado. A pesquisa foi publicada originalmente em 2002, em Londres.

Abstract:

The purpose of this text is to examine community-level poverty and its relationship to families and parental care. Using data from the first nationally representative survey of parents living in especially poor circumstances, the objective was to identify the resources available to parents and how they could be improved.

Key-words: family support, parenting, children, youth

Introdução

Pesquisas recentes demonstraram que um terço das crianças inglesas vive em contextos de pobreza e que esta condição irá afetar significativamente as suas oportunidades futuras. Mas, o quanto nós sabemos a respeito dos pais? Em função da inexistência de pesquisas aprofundadas sobre o tema, a resposta é pequena. Em geral, o que se sabe sobre os pais está relacionado a situações-limite, tais como, abuso infantil, negligência ou violência.

A proposta para a realização do presente estudo é justamente identificar como se dá o exercício da maternidade e da paternidade⁴ em condições de pobreza na Inglaterra. A pesquisa, de abrangência nacional, analisou os seguintes temas:

- 1) as dificuldades enfrentadas nos níveis individual, familiar e comunitário;
- 2) como essas dificuldades afetam o comportamento dos pais;
- 3) quais as formas de apoio existentes dentro e fora das suas redes de relacionamento;
- 4) o que os pais desejam em termos de apoio e
- 5) como é possível aprimorar os serviços de apoio à família.

Os resultados apresentados neste estudo destinam-se a um público amplo, tal como, ao poder público, às organizações governamentais e não-governamentais, aos formuladores de políticas públicas, pesquisadores e profissionais.

⁴ Adaptação do termo *parenting* em inglês.

O desenvolvimento da pesquisa

O estudo foi subdividido em duas partes, utilizando-se metodologia quantitativa e qualitativa. A pesquisa foi realizada com 1.754 mães e pais de crianças e adolescentes com menos de 17 anos de idade. Esta amostragem correspondeu a 10.500 domicílios em 135 áreas diferentes na Grã-Bretanha. Estas regiões foram selecionadas de forma aleatória⁵. Os domicílios mapeados são representativos das áreas mais pobres do país. As entrevistas de caráter qualitativo foram conduzidas com quarenta mães e pais⁶.

Características dos pais e mães em condição de pobreza na Inglaterra

Quem são os pais e mães que vivem na pobreza?

Nem todos os pais que residem em comunidades de baixa-renda são pobres. No entanto, a média obtida ao longo deste estudo, aponta que a grande maioria vive com uma renda insuficiente. Outro dado interessante é a diversidade de situações, ou seja, a renda anual oscilou entre 1.850 e 71.000 mil libras. No entanto, a média da renda ficou em torno de 7.000⁷ libras, enquanto, no caso de mães e pais solteiros, a média anual foi de menos de 5.500⁸ libras. Durante a realização da pesquisa, metade das famílias entrevistadas não trabalhava fora, e dependia exclusivamente de benefícios sociais.

Outros resultados desafiaram alguns estereótipos existentes sobre mães e pais que vivem na pobreza. Por exemplo, 89% declarou-se de cor branca; as mães correspondem a 96% das entrevistadas na pesquisa; em 8% das famílias (uma em cada doze) o pai era, ou o principal provedor ou dividia com a mãe as responsabilidades; dois em cada cinco respondentes eram mães e pais solteiros (praticamente o dobro do índice nacional); 61% das mães e pais eram casados ou viviam com um

⁵ A seleção das áreas se deu através de um índice desenvolvido para a realização da pesquisa. O objetivo era identificar os índices de privação e de deficiência dos programas de assistência destinados aos pais.

⁶ Os resultados apresentados ao longo da análise foram considerados estatisticamente significativos, isto é, a probabilidade de terem ocorrido meramente por acaso é bastante reduzida.

⁷ Os dados foram homogeneizados para incluir todos os tamanhos de família. O valor de 7.000 libras equivale a R\$ 27.000.

⁸ Este valor representa uma renda anual de R\$ 21.000 reais.

companheiro. As idades variaram entre 17 e 69 anos, sendo que a média era de 33 anos de idade. O número médio de crianças era de duas por domicílio; 43% trabalhavam horário integral ou parcial.

O que é ser mãe e pai em contextos de pobreza?

A despeito das condições insalubres, degradadas e violentas que caracterizam as localidades focalizadas neste estudo, a descrição dos pais acerca das comunidades onde residiam não foi especialmente negativa. Em torno de três quartos dos respondentes disseram que em geral a comunidade é amigável, e 55% conhecem algum vizinho com quem podem conversar. Mesmo nas áreas mais pobres, metade dos entrevistados disse que a sua comunidade era “um bom lugar para criar a família”. E uma parcela significativa mostrou-se orgulhosa de sua comunidade de origem.

Apesar do fato de muitos dos entrevistados estarem vivendo em condições difíceis, a grande maioria declarou estar “respondendo bem” aos desafios da maternidade/paternidade.

Considerando que a maternidade/paternidade é, em geral, definida como um *desafio*, mesmo para as camadas mais ricas, o dado sugere um considerável índice de resiliência deste grupo em particular.

De acordo com a percepção de uma das mães entrevistadas, muitos pais adotam medidas pragmáticas diante das dificuldades enfrentadas como uma estratégia de sobrevivência:

“Às vezes quando algo te incomoda, você acaba aceitando, não é verdade? Realmente não há outra saída, por que por mais que você se deixe ficar abatido, no final, isso não resolverá o problema”.

A partir desta apresentação inicial, a proposta será explorar mais detalhadamente os problemas enfrentados por essas mães e pais, e explorar o que os auxilia ou prejudica em circunstâncias difíceis e desafiadoras no cuidado de seus filhos.

Desafios enfrentados pelos pais em comunidades de baixa-renda

Os pais entrevistados ressaltaram alguns dos principais desafios que dificultam o exercício pleno da maternidade e da paternidade. Estes desafios podem ser subdivididos em três níveis: individual, familiar e

comunitário. Muitos desses desafios apareceram com maior frequência na população de baixa-renda.

• **Desafios em nível individual entre pais e filhos**

Apesar de grande parte dos entrevistados afirmar que vive em boas condições de saúde, dois entre cada cinco entrevistados apresentam algum tipo de doença – ou seja, uma proporção consideravelmente maior se levarmos em conta o total da população. Em torno de 29% afirmam que a condição física afeta a relação com os filhos. No inventário *Malaise*, escala criada de forma a homogeneizar dados, os pais incluídos neste estudo apresentam três vezes mais chance de terem algum distúrbio de saúde ou psicológico.

Dois em cada cinco respondentes tinham uma criança com algum problema de saúde. Os pais ressaltaram que esta situação torna mais difícil compatibilizar os cuidados com a família e com o trabalho. 13% das crianças apresentaram resultados, que fogem aos padrões considerados normais, no teste SDQ⁹. Este número é um pouco maior do que a média nacional. Podemos inferir que os problemas, em contextos de pobreza, tendem a se sobrepor, isto é, crianças com algum tipo de doença acabam desenvolvendo também dificuldades de comportamento.

• **Desafios em nível familiar**

Um dos principais problemas assinalados é que, em geral, ambos os pais recebem salários baixos. A baixa escolaridade agrava ainda mais o problema. Metade das famílias não trabalha. Dois terços dos pais não podem suprir as necessidades básicas da família. Em 56% dos casos os pais tinham acesso a carro, percentual equivalente ao que o resto da população tinha acesso há uma geração atrás. Outro agravante é que um entre cada cinco pais apresenta dificuldades para quitar dívidas de longo prazo.

Em segundo lugar, o desafio assinalado pelos pais é o acesso a moradias de boa qualidade. Duas entre cada cinco famílias apresentam problemas como calefação insuficiente ou falta de espaço.

⁹ Teste SDQ (Strenghts and Difficulties Questionnaire), para identificar distúrbios emocionais e de comportamento.

O tamanho e a estrutura das famílias estão intimamente relacionados aos desafios e dificuldades que os pais relataram como, por exemplo, falta de espaço, problemas de saúde e baixos salários.

• Desafios em nível comunitário

Mais da metade dos pais, ou 54%, relatou que um dos principais problemas nas áreas públicas próximas às suas moradias é a falta de limpeza em função da presença de cachorros, impossibilitando as crianças de brincarem. Há também o risco devido ao tráfego de carros, poluição, iluminação pública insuficiente, áreas em estado de preservação precário e cachorros soltos.

Foi apontado também, a preocupação com o crime e a violência na comunidade, embora estes não sejam percebidos como os principais problemas. Em 29% dos casos as famílias relataram terem sido alvo de furto ou vandalismo, e terem sido perturbadas por vizinhos barulhentos, usuários de drogas na vizinhança e motoristas descuidados.

Problemas que mais afetam os pais

Viu-se que a pobreza perpassa os níveis individual, familiar e comunitário. Conseqüentemente, por definição, os pais que vivem em condições de pobreza enfrentam algum tipo de carência ou necessidade. Aqueles com grande privação material ou vivendo nas áreas mais empobrecidas declararam ter mais dificuldades do que os demais.

No entanto, existem outros fatores em jogo. Uma série de modelos estatísticos foram criados para determinar quais fatores contribuem mais para identificar se as mães e os pais estão lidando melhor ou pior com a maternidade e a paternidade, respectivamente. Os resultados indicaram que aqueles com uma criança "difícil" (alto índice no teste SDQ), com uma série de problemas pessoais (resultado alto no teste Malaise), os que eram pais e mães solteiros e aqueles com uma família extensa (mais de dois filhos), apresentavam maior nível de dificuldade.

Nos três níveis (individual, familiar e comunitário), os problemas enfrentados pelos pais eram múltiplos, intercalados e cumulativos. Sendo assim, a tendência é quando apresentam problemas em uma área é bem possível que as demais também sejam afetadas. A proporção dos pais com dificuldades aumentou drasticamente quando incorporados novos elementos ou fatores de risco.

Em suma, com base nos resultados deste estudo foram identificados grupos de pais cujos problemas sugerem que o suporte deve ser prioritário:

- Pais que residem em áreas muito pobres
- Pais com renda muito baixa
- Pais sozinhos
- Pais com resultados altos no teste Malaise
- Pais com crianças “difíceis”
- Pais com dificuldades de moradia
- Pais com famílias extensas

Quais as formas de apoio existentes?

Os tipos de apoio oferecidos aos pais podem ser subdivididos em três categorias¹⁰:

A pesquisa revelou que cada um destes tipos de apoio beneficiava os pais de forma diferente e que eles acessavam os serviços existentes por razões diversas. Viu-se que estes serviços eram utilizados pelos pais de diferentes maneiras. O estudo apontou, ainda, que deficiências na oferta de serviços, somadas a experiências negativas de utilização dos mesmos, podia levar alguns grupos de pais a sentirem-se não-apoiados.

• Apoio informal

Os pais em geral possuem uma gama variada de redes de apoio informal. Somente 3% relataram não ter qualquer tipo de ajuda em casos de necessidade. A configuração destas redes é de pessoas próximas à família e localizadas em uma mesma área geográfica. As mães e avós aparecem como as figuras de maior destaque quando se precisa de ajuda, assim como, as amigas mais próximas, e este fator se deve em grande parte ao alto índice de mães/pais separados.

A ausência da figura paterna pode ser creditada a alta incidência de mães solteiras residindo em áreas pobres. No entanto, as redes soci-

¹⁰ 1. Apoio informal (familiar e de amigos); 2. Apoio semi-formal (redes organizadas como serviços oferecidos por voluntários) e 3. Apoio formal (serviços por exemplo, de saúde e de assistência social).

ais de apoio vão se modificando ao longo dos estágios da maternidade e da paternidade, e as crianças podem vir a se tornar importantes fontes de apoio. Sendo assim, em famílias com a presença de adolescentes, estes eram citados como parte da rede de suporte. Mães e pais solteiros e de minorias étnicas declararam que as suas redes eram comparativamente menores do que os demais.

O apoio informal restringe-se em grande parte ao apoio emocional ou voltado para questões pontuais. Hipoteticamente, todos os pais relataram poder identificar alguém para conversar, pedir dinheiro emprestado ou deixar a criança por umas duas horas. Durante a realização da pesquisa, membros de suas redes de apoio haviam sido requisitados por quatro entre cada cinco pais em 42% dos casos para cuidar da criança e 39% para conversar.

Uma entre cada cinco mães/pais relatou não ter recebido qualquer tipo de apoio nas últimas quatro semanas. Certos grupos tendiam a receber menos apoio do que os demais, em particular, os pais mais pobres ou de minorias étnicas¹¹. Somente para uma pequena parcela dos pais apoios mais substanciais poderiam ser obtidos através de redes informais. Enquanto para 45% dos pais, acreditavam poder deixar a criança dormir na casa de um parente ou amigo, ou pegar uma carona para um compromisso importante, para 34% seria possível pegar 10 libras¹² emprestadas.

• Apoio semi-formal¹³

A despeito do fato de que o apoio semi-formal seja, em grande parte, de caráter comunitário, muitos pais diziam desconhecer os serviços oferecidos. Excetuando os parques, muitos pais não sabiam da existência dos serviços disponíveis.

Um entre cada dez pais não conhecia nenhum dos serviços disponíveis, dois entre cada cinco nunca utilizaram nenhum destes serviços e três terços não mantinham contato há pelo menos três anos.

¹¹ 6% da população inglesa é composta por minorias étnicas. Os afro-descendentes e caribenhos compõem os grupos de maior número seguidos dos indianos, em especial Sikhs, paquistaneses e bengalês.

¹² Equivalente a R\$ 40,00.

¹³ Há na Inglaterra diversos programas de apoio à família financiados pelos setores público e privado que são oferecidos nas comunidades.

A partir da análise dos serviços oferecidos, viu-se que estes eram mais utilizados por famílias com filhos, particularmente, em idade pré-escolar. Apesar das redes semi-formais serem acionadas com mais frequência por famílias com problemas de relacionamento ou com crianças portadoras de doenças de longa duração, encontrou-se pouca incidência de que os serviços tinham atingido os mais necessitados. Para as famílias muito pobres ou de minorias étnicas o uso destes serviços é ainda menor.

A utilização dos serviços semi-formais foram motivadas por questões sociais, como encontro com outros pais e crianças, e não por questões práticas. Para 66% dos pais a principal motivação para participar destas atividades nos últimos três anos era permitir que os seus filhos tivessem contato com outras crianças. Já em termos práticos, 36% declararam haver a possibilidade de dar acesso para os filhos a brinquedos que de outra forma não seria possível. Ou para 21% era uma oportunidade de compartilhar as dificuldades de ser uma mãe/pai solteiro, 65% dos respondentes que relataram terem utilizado um dos serviços oferecidos nos últimos três anos disseram estar satisfeitos, pelo fato da criança ter gostado ou aprendido alguma coisa nova.

No entanto, para 28% dos pais os serviços de tipo semi-formal muitas vezes não atenderam às suas necessidades e 11% declararam não ter nenhuma utilidade.

• Apoio formal

A utilização dos serviços de tipo formal foram maiores do que os de semi-formais. Somente uma pequena minoria dos pais (6%) disseram desconhecer pelo menos um dos tipos de suporte oferecidos.

A utilização dos serviços também foi maior. Um entre cada cinco pais (19%) disse nunca ter utilizado um dos serviços enquanto 54% tiveram contato com pelo menos um dos serviços nos últimos três anos. No entanto, podemos perceber que mesmo assim, os serviços considerados "universais" parecem não atingir a parcela mais pobre da população, como a assistência médica domiciliar, ou serviços sociais mais amplos.

A utilização dos serviços formais por pais com crianças pequenas é maior como assinalado no caso dos apoios semi-formais, embora a demanda não tenha diminuído tanto conforme as crianças vão ficando

mais velhas, como no caso anterior. Os apoios formais mostraram-se mais eficazes em atingir os pais nos casos em que estes apresentavam problemas físicos ou emocionais, ou as crianças fossem portadoras de distúrbios de comportamento ou de saúde. No entanto, foram encontrados alguns grupos altamente vulneráveis, portadores de necessidades específicas, como pais separados e famílias muito pobres, que não apresentavam maior probabilidade de acessar estes serviços do que os demais grupos de pais. Repetindo o mesmo padrão dos apoios semi-formais, há uma menor incidência de utilização por parte dos grupos minoritários.

As motivações para o uso deste tipo de serviço foram voltadas para os pais, ao contrário do caso anterior cuja ênfase era a criança. Aqueles que procuraram algum serviço, buscavam um tipo de suporte específico, e não tanto por questões sociais. Em 88% dos casos, a avaliação dos pais foi positiva e eles afirmaram que recomendariam os serviços para outros pais na mesma situação. A satisfação foi definida pelo cuidado e atenção com que foram recebidos, e o apoio concreto oferecido.

Há evidências de que alguns pais não se beneficiam dos serviços disponíveis por considerá-los sem utilidade. Em torno de 28% dos que declararam não utilizar os serviços, acreditavam que não havia nada que poderia interessá-los. As entrevistas revelaram diversos níveis de insatisfação. Muitos pais disseram ficar esperando longos períodos nas filas, ou achavam que os serviços não respondiam às suas necessidades.

“Apoio negativo”

O estudo demonstrou claramente que aceitar o auxílio proveniente de programas assistenciais apresenta um lado negativo, e portanto, foi criado o conceito de apoio negativo para definir estas situações em particular. Nos casos referentes ao apoio informal, existe de acordo com os pais, uma linha clara entre “apoio” e “interferência”. E, sendo assim, mães e pais mostravam-se relutantes em participar de programas que poderiam intervir sobre seu sentido de autoridade e de controle sobre suas próprias vidas. Apareceram também outras questões, como por exemplo, não querer incomodar os outros com seus próprios problemas, ou sentir a obrigação de retribuir o favor, ou ainda demonstrar que não está conseguindo lidar com os seus problemas familiares e até mesmo

expor suas vulnerabilidades para terceiros. Nos casos referentes ao apoio formal, destaca-se a perda de autonomia com o envolvimento de outras pessoas. Para 29% dos pais que compuseram o estudo, os profissionais tendem a interferir ou passar por cima da autoridade dos pais quando o seu apoio é solicitado. Outros argumentaram que se sentiram menosprezados pelos assistentes sociais, fazendo com que se achassem incapazes de prover os cuidados necessários à sua família. Estes alegaram que preferiram lidar com os seus problemas sozinhos, considerando que as consequências pela utilização dos serviços eram demasiadamente negativas.

Quem precisa de apoio?

Menos da metade dos entrevistados (47%) considerou que poderia se beneficiar de outras formas de suporte no cuidado com as crianças e 11% declararam que ansiavam por este tipo de assistência com frequência. Aqueles que afirmaram que os programas sociais eram insuficientes ou inapropriados, tendiam a acreditar não estarem conseguindo responder adequadamente aos desafios da maternidade e da paternidade. É interessante notar que os pais que afirmaram necessitar de ajuda eram os que mais recebiam apoio dos tipos informal, semi-formal e formal. Sendo assim, a percepção de estar sendo apoiado surgiu como um indicador mais relevante do que o apoio recebido efetivamente.

Em geral, os que se encontravam nos grupos prioritários, ou seja, os mais vulneráveis, consideraram que o apoio recebido era insuficiente para as suas demandas, por exemplo: pais separados com problemas emocionais ou físicos, com crianças doentes ou com distúrbios de comportamento e com graves problemas familiares. Pais com crianças em idade pré-escolar apresentaram também maior probabilidade de sentirem-se apoiados.

Por fim, embora a presença de ambos os pais seja vista como um importante fator para enfrentar os desafios do cotidiano e para que se sintam apoiados em seu papel parental, nos casos em que o pai/mãe declarou não ter apoio do/a companheiro/a, os níveis de insatisfação assemelham-se aos dos pais que criavam os filhos sozinhos.

Com base nos resultados da pesquisa acerca dos tipos de apoio existentes, foram identificados alguns que prioritariamente necessitam de mais apoio para o cuidado de seus filhos. Estes grupos referem-se

aqueles que declararam ter pouco acesso aos apoios disponíveis ou que sentiam que as suas demandas não estavam sendo respondidas de forma efetiva. Estes grupos podem ser classificados da seguinte forma:

- Pais que sentem continuamente que não estão dando conta da maternidade/paternidade
- Grupos de minorias étnicas
- Pais separados (que criam seus filhos sozinhos)
- Pais com altos índices de problemas familiares
- Pais com resultados altos no teste Malaise
- Pais com criança em idade pré-escolar
- Pais em relações conflituosas ou pouco apoiados pelo cônjuge

Família e vulnerabilidade na Inglaterra: formas eficazes de apoio

Esta pesquisa possibilitou identificar os diversos serviços com que as famílias inglesas contam para apoiá-las na criação de seus filhos. A seguir, a título de conclusão, apresenta-se uma síntese dos principais resultados, bem como algumas recomendações.

• Serviços que atendam às necessidades identificadas pelas famílias

Muitos serviços disponíveis acabam respondendo a agenda dos órgãos governamentais sem que seja realizada uma consulta prévia ao público-alvo, neste caso, as famílias. Os programas disponibilizados, considerados pelos pais como irrelevantes são descritos, acima de tudo, como inúteis.

Os serviços de apoio aos pais devem focar as demandas priorizadas por eles, de forma a serem úteis e apropriados. Acessar essa demanda com as famílias deve ser feita através de um trabalho conjunto, onde possam expressar claramente que tipo de serviço elas precisam.

• Serviços acessíveis

Os pais querem serviços que estão disponíveis quando solicitados, e não precisam aguardar horas na fila para serem atendidos. As sugestões mencionadas para melhorar a qualidade do atendimento fo-

ram: aumentar o número de funcionários e voluntários, aumentando também a sua carga horária, e reduzir as listas de espera.

- **Ampliação dos serviços oferecidos**

De acordo com muitos pais, tanto os serviços semi-formais quanto formais, podem ser aprimorados caso amplie-se o espectro do público-alvo beneficiado. No primeiro caso, diagnosticou-se não só a importância de aumentar o número de pessoas, mas também melhorar a qualidade dos equipamentos e das instalações, e baratear o acesso aos serviços.

- **Demanda por informação: conhecimento é poder**

Os pais demonstram interesse em conhecer mais sobre questões relacionadas ao exercício da maternidade e da paternidade e aos cuidados com os filhos. Durante as entrevistas foi mostrada uma lista com treze tópicos diferentes sobre desenvolvimento infantil e, em 68% dos casos, os pais demonstraram interesse em conhecer mais sobre um dos tópicos apresentados, e um em cada cinco, tinha interesse em aprofundar quatro ou mais dos temas apresentados.

Conforme a criança se desenvolve, os seus interesses também mudam, mas em grande parte dos casos, os temas relacionados ao comportamento infantil foram os que mais apareceram: o que é ou não é 'normal' no comportamento da criança com idades diferentes (25%) e como lidar com problemas relacionados a distúrbios de comportamento (25%). Um quinto dos entrevistados gostaria de saber mais sobre disciplina. É interessante ressaltar que quando os pais demonstravam interesse em conhecer mais sobre algum assunto, em geral solicitavam métodos que eles mesmos pudessem aplicar, tais como, por meio de livros, cartilhas e vídeos, por exemplo, ao invés do contato face-a-face com terceiros, em função do risco da perda de autonomia. No entanto, uma parcela significativa de respondentes disse ter interesse em participar de grupos informais de discussão com outros pais, dependendo do tópico em pauta. Enquanto outros afirmaram que consultariam profissionais caso a criança apresentasse problemas físicos ou emocionais.

- **Serviços que permitam aos pais sentirem-se “em controle da situação”**

Uma questão central discutida pelos pais em relação aos serviços oferecidos, é que estes não devem deixá-los com a sensação de

que estão perdendo o controle sobre as suas próprias vidas ou que aumente a sua condição de vulnerabilidade. Como afirmado anteriormente eles ressaltaram a existência de uma linha tênue entre 'apoio' e 'interferência', não só nas relações formais, como também nas redes interpessoais de apoio. O receio da perda de autonomia tende a ser maior conforme a gravidade do caso, portanto, os pais sentem-se desestimulados a pedir ajuda.

De acordo com os depoimentos dos pais entrevistados, as formas eficazes de apoio são aquelas que os valorizam em seu papel parental. Eles afirmaram que, com frequência, sentiam-se diminuídos com a abordagem de profissionais que pareciam excessivamente ocupados, e que os tratavam como pais inexperientes, ansiosos ou ignorantes.

Os profissionais e os serviços direcionados para os pais devem, em primeiro lugar, reconhecer a autoridade da família na resolução dos problemas, pois embora esteja aberta à ajuda externa, esta não é bem vinda quando a sua autonomia está em jogo. Dessa forma, o melhor caminho é o diálogo com os pais para identificar alternativas e solucionar os problemas.

• **Diversidade**

Uma das lições apreendidas neste estudo, é que cada tipo de apoio responde a uma necessidade específica. Assim, o apoio informal da família e de amigos oferece apoio emocional no cotidiano. O semi-formal é mais utilizado para questões de caráter social, ampliando as redes sociais dos pais e das crianças. Já os serviços formais respondem a questões práticas como atendimento profissional e solução de crises específicas. Para os pais que moram em áreas pobres, é especialmente importante que a existência de apoios informais e semi-formais não diminua a presença do Estado. Apesar dos programas não atenderem integralmente às demandas dos pais, eles oferecem suporte significativo para as famílias mais necessitadas, que não podem se utilizar das demais redes de apoio ou optam por não fazê-lo.

• ***Mudando a imagem dos serviços oferecidos às famílias pobres***

Muitos desconhecem os serviços oferecidos próximos ao seu local de residência. Mesmo no caso de serviços de saúde como visitas domiciliares, estes nunca tinham sido solicitadas pelos pais. O primeiro passo para tornar os serviços mais eficazes é a sua divulgação e, em segundo lugar, mudar a imagem negativa que muitos pais foram constru-

indo sobre determinados serviços. Exemplos disso seriam os estereótipos dos assistentes sociais taxados de controladores sociais ou dos serviços de saúde vistos como negligentes. Em muitos casos, em função dessa imagem negativa, os pais farão qualquer coisa para evitar a sua utilização.

• **Problemas múltiplos requerem soluções múltiplas**

Como apresentado anteriormente, as famílias que residem em áreas de baixa-renda ficam vulneráveis a uma série de fatores de risco, nos níveis individual, familiar e comunitário. Para que os serviços oferecidos possam apresentar bons resultados deve-se ter em mente que é necessário englobar dimensões distintas de um mesmo problema. Dessa forma, quando aos órgãos trabalham separadamente apresentam resultados limitados.

Fortalecendo as competências e focalizando as vulnerabilidades

Apesar das dificuldades provenientes dos contextos onde vivem, os pais se mostraram resilientes, otimistas e orgulhosos de sua comunidade. Apesar de enumerarem os problemas enfrentados no cotidiano, mostravam-se dispostos a permanecerem no mesmo local para cuidarem de seus filhos. Para isso apresentaram uma série de estratégias para contornar as dificuldades. Tanto os pais que apresentaram problemas mais graves quanto aqueles que pareciam estar lidando melhor com suas dificuldades mostraram-se positivos. Uma sugestão seria juntar ambos os grupos de pais para troca de experiências, auxiliando àqueles em situações mais adversas. No que se refere aos programas de apoio no nível macro, seu desenho deveria levar em consideração a importância de fortalecer as competências sem desconsiderar as vulnerabilidades.

O conceito de “apoio negativo”

Conforme apontado, nem todos os serviços disponíveis são vistos como inteiramente positivos. Considerar os seus aspectos negativos é um passo importante para se identificar os limites do apoio que vem de fora (“externo”). Retomando as noções de ‘apoio’ e ‘interferência’, observou-se como muitos pais ficam temerosos de sentirem-se obrigados a fazer algo em troca ou de incomodar as outras pessoas. Há também o sentido de perda da autoridade, sobretudo nos casos de serviços prestados pelos órgãos governamentais.

Permitindo que os pais se sintam em controle

O receio dos pais sobre a perda de sua autonomia ou controle da situação, em parte, vem da sensação de que os serviços oferecidos não trabalham a seu favor, mas sim contra. Entre as famílias mais pobres existe um sentimento forte de auto-suficiência, e a interferência externa muitas vezes conduz a resultados danosos, ao invés de positivos. Vimos, portanto, o ponto de partida para qualquer dos projetos é a consulta prévia aos pais para saber exatamente do que precisam e como deve ser executado.

De acordo com uma das mães entrevistadas:

“Apoio” quer dizer que você ainda está no comando, a mãe ou o pai estão buscando por ajuda ou conselho – mas você está no comando. Você não está simplesmente dando o seu filho para que uma outra pessoa cuide dele.

Referências Bibliográficas

- GHATE, D. e HAZEL, N. (2002). *Parenting in Poor Environments: Stress, support and coping*. London: Jessica Kingsley Publishers.
- GHATE, D. e RAMELLE, M. (2002). *Positive Parenting: An evaluation of the Youth Justice Board's Parenting Programme*. London: Youth Justice Board (www.youth-justice-board.gov.uk/publications/research/positiveparenting).
- GHATE, D., HAZEL, N., CREIGHTON, SJ e FINCH S. (2003). *Key findings from the National Survey of Parents, Children and Discipline in Britain*: ESRC Research Findings Summary Series London: The Policy Research Bureau.
- GHATE, D., SHAW, C. e HAZEL, N (2000). *Engaging fathers in preventive services: fathers and family centres*. York: Joseph Rowntree Foundation and York YPS.
- HAZEL, N. (2003). *Holidays for families in need: the research and policy context*. PRB Briefing Paper 151 London: The Policy Research Bureau.
- MORAN, P., GHATE, D. e VAN DER MERWE, A. (2004). *What works in parenting support? A review of the international evaluation literature*. London: DFES and Home Office.
- RUTTER, M., GILLER, H. e HAGELL, A. (1998). *Antisocial Behavior by Young People*. New York: Cambridge University Press.